

«Avante!»

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

SÓ O FORTALECIMENTO DO CAMPO DA PAZ poderá deter os perigos de uma nova guerra!

Não decorrerá do ano de 1954 o poderoso campo da Paz alcançou vitórias decisivas com as conferências de Berlim e de Genebra, o cessar fogo na Indochina e a rejeição da CED pelo Parlamento Francês. Foram graves perigos ameaçados de novo o Paz. O restabelecimento da amizade ocidental, estabelecido pelos acordos de Paris, faz da Alemanha de Adenauer uma ameaça permanente para os povos vindos do oeste americano. A ratificação dos acordos de Paris tornará impossível o entendimento, irá provocar a continuação armamentos e para uma nova guerra.

As repetidas agressões americanas contra a República Popular da China, que chegaram ao extremo da invasão da ilha de Taiwan, e os ataques americanos aos navios da pirataria de Chang Kai Chek contra o gran-

de povo chinês, representam uma séria ameaça para a paz na Ásia e no mundo. É uma ameaça à grossa e desparada dos Estados Unidos na vida interna, numa grande nação, que a República Popular da China não pode consentir. Concluímos, pois, representando uma séria ameaça a sua segurança.

Na medida em que os círculos governamentais dos Estados Unidos se recusam a ir para uma conferência internacional para resolver o problema da Formosa, temem que não reconhecer o Governo Popular da China e não reconhecer a realidade dos tempos e únicos representantes da China na ONU, fecham deliberadamente as portas a toda a negociação e enveredam pelo perigoso caminho que já já se desliza para a guerra, que não poderá ter resultado com a URSS, e com a China Popular.

As violações das fronteiras da União Indiana pelas forças militares portuguesas, a ofensiva brutal contra os povos de Goa, Damão e Diu, a recusa a negociações sinceras do governo de Salazar com o governo da Índia, para a resolução dos problemas, a reforçar a concentração militar em Goa, Damão e Diu, que atingem este ano um total de 300.000 homens, além de constituir uma ameaça à paz na Índia, também contribuem para o agravamento da tensão internacional, arrastam mais ainda a economia nacional e representam sérios perigos para a vida pacífica do povo português.

OS OBJECTIVOS CRIMINOSOS DOS IMPERIALISTAS E DA REACÇÃO FASCISTA

O fascismo e a reacção internacional e nacional tudo fazem para ver se conseguem desencadear uma nova guerra, na louca esperança de com ela conseguirem anular a União Soviética e com ela os outros países pacíficos e democráticos, julgando que conseguirão assim assegurar aos americanos o domínio do mundo e travar a marcha da História.

Elas lutam com o fogo e a guerra, ignorando os advertimentos dos sabios dirigentes da União Soviética: que se eles forem tão loucos a ponto de se lançarem numa agressão contra a URSS e os outros países pacíficos e democráticos, a paciência que a URSS está ligada por pactos de Defesa Mútua e Amizade, não inevitavelmente derrotados, como os formidáveis meios de destruição de Mussolini, de rapta luas valendo as ameaças com as armas atômicas e do hidrogénio (de que de resto a URSS também é possuidora e em cujo fabrico está a grande avanço), não continuam no pag 4)

repressão fascista. Durante 14 anos seguidos as numerosas milícias de agentes policiais do fascismo, encarregadas do estrangulamento da oposição, da repressão clandestinas do «AVANTE!» e não conseguiram nunca interromper a publicação regular do «AVANTE!» e o controle do Partido. Esta é uma vitória importante do Partido e do povo português na sua luta sem tréguas contra os seus inimigos internos e externos.

Porque tem sido isto possível? Em primeiro lugar, porque a servir o «AVANTE!» estão homens e mulheres de uma classe social e política, que não pertencem à classe operária e do nosso povo, porque a lutar e «AVANTE!» como porta-voz dos interesses vitais e dos mais profundos anseios do povo português, e não como homens como Bento Gonçalves, Milhãz, Obreiro assassinados pelos fascistas, assim como muitos outros destacados filhos e filhas de classe operária e do nosso povo, entre os quais Álvaro Cunhal, agora a ferir do fascismo; porque houve homens, como João Moreira, que deram heróicamente a sua vida pela liberdade do «AVANTE!».

Em segundo lugar, porque o «AVANTE!» é querido pelo povo português, porque é uma entidade enraizada profundamente nas massas populares e é o apoio e a força precisas para enfrentar vitoriosamente todo o ódio e perseguições do governo salazarista. Cada vez mais indistinctamente, a luta do «AVANTE!» encontra sempre ligeiro a certeza da vitória final da causa que defende e a força capaz de arrastar e vencer a luta.

Para levar a cabo a sua missão histórica junto do povo português o «AVANTE!» necessita de um grande número de colaboradores, comunistas, democratas, políticos e amigos da paz. É por isso preciso que se multipliquem os grupos do «AVANTE!» e a «Avante!», que se alargue cada vez mais a difusão do «AVANTE!» e que seja cada vez maior o número de portugueses que, lá, colabore, informe e crie o «AVANTE!» e o vultoso na sua missão de porta-voz dos interesses do Nação e do povo. É por isso preciso que através de todo o País se intensifique a luta para a difusão do «AVANTE!» número 200 destinada a alargar a difusão, a elaboradora, a informadora e a activadora financeira do «Avante!». Alarguem-se a difusão do «AVANTE!» Formemos mais Grupos de Amigos do «AVANTE!» Aludemos o «AVANTE!» a cumprir a sua missão!

AS VITÓRIAS DE 1954

ABREM O CAMINHO PARA NOVAS E MAIORES LUTAS

1954 foi um ano de importantes vitórias das forças democráticas e da Paz.

No campo internacional, desarmamos os exércitos do povo soviético que, dirigido pelo Partido Comunista da União Soviética e pelo Governo Soviético, deu novas e importantes vitórias ao caminho da paz. Colocou a energia atômica ao serviço do homem. Na construção do socialismo, na República Popular da China e nos outros países da democracia popular, os povos da América Latina, da África e do Oriente Médio. Reforçaram a grande e indelével amizade internacional entre os povos da União Soviética e o grande povo chinês com a assinatura do acordo de amizade e cooperação e o fortalecimento da grande República Popular da China foi e é um poderoso estímulo para a luta internacional dos povos libertados, particularmente da Ásia, pela sua Independência. Em 1954 registaram-se a grande e notável vitória da luta dos povos da Indochina, indolamente se também as lutas libertadoras e patrióticas dos povos da Malásia, Filipinas, Argélia, Kenia, etc.

Em 1954 triunfou mais uma vez o princípio da coexistência pacífica entre os Estados, definido através dos cinco pontos que ligam ao acordo entre a República Popular da China e a União Indiana, o qual abriu o caminho para um novo tipo de relações entre os povos da Ásia.

Gracias à sã política activa de Paz, as Conferências de Berlim e Genebra, foram os maiores êxitos do campo da Paz e da Democracia. Na primeira, a URSS, propôs a assinatura do Tratado de Segurança Colectiva Europeia, que é o caminho para a Paz na Europa. Na segunda, a URSS, propôs a República Popular da China partici-

pou pela primeira vez lado a lado das outras grandes potências, não foi a guerra na Indochina. O S. E. e director dos Partidos Comunistas e organizados pela classe operária, os povos, desarmadamente o povo francês, estabeleceram a luta contra o rearranjo mundial do equilíbrio internacional e do equilíbrio a luta contra as armas atômicas e do extermínio em massa (em 5 meses 20 milhões de japoneses pronunciaram-se contra elas). Esta luta foi a primeira e a mais importante a apoiar da URSS, na ONU, e através das reuniões do Bureau e Conselho Mundial da Paz.

Em 1954 cresceu a onda de graves em todo o mundo desencadeada pelas classes trabalhadoras, sendo de 1 a 1 milhão de operários em St. Paulo (Brasil), 50.000 operários agrícolas na Itália, 90.000 metalúrgicos na Alemanha Ocidental, 6.000 mineiros em uma greve geral no Reino Unido, 25.000 portugueses do Instituto.

Em 1954 foram ainda divulgadas as históricas Resoluções do Conselho Mundial da Paz sobre as lutas dos povos coloniais e dependentes e sobre os Acordos de Londres e de Paris.

As Lutas do Povo Português

No nosso país as massas trabalhadoras, esmagadas pela classe operária e pelo seu Partido, desencadearam grandes e pequenas lutas reivindicativas e contra o fascismo e a sua política de guerra, opressão e escassez. Neste sentido não se pode destacar as grandiosas lutas de classe levadas a cabo contra os ritmos aborrecidos de Salazar e os

(continua no pag. 2)

AGRAVA-SE A SITUAÇÃO NA ÍNDIA

O GOVERNO FAZ CRESCER OS PERIGOS DE GUERRA

O Governo de Salazar, como afirmou o Comunicado da Comissão Política do Partido Comunista Português, vê na guerra a solução para os seus problemas. Por isso a camarália salazarista passou da fase da histeria belicista para o campo das violações de fronteiras no território da Índia. Desde fins de Novembro que os soldados portugueses violaram várias vezes o território daquele país. Os provocadores fascistas atribuem aos patriotas indianos os crimes de sangue e a responsabilidade da zona fronteiriça. Essas violações podem transformar-se rapidamente num sangrento conflito que só interessa aos fomentadores da guerra: aos imperialistas e aos fascistas salazaristas. A máquina de guerra fascista

está preparada para desferir um tal golpe. Com esse fim a camarália de Salazar desenvolve intensa acção diplomática, para estabelecer um plano de guerra para a Índia. Já foram listas no caso de um conflito com a Índia. As informações e conversações do Ministro das Relações Exteriores, Paulo Cunha, com o representante do Estado-Maior da NATO, com os representantes dos governos belicistas, sobre o problema da Índia, o envio da nota diplomática ao governo indiano, a publicação de uma declaração, a assinatura de qualquer ataque a Damão e Diu, o envio dos Estados Unidos à política de guerra em Goa, publicamente confirmada por James Minto na entrevista ao «Boston Herald» de 10 de Novembro, a publicação de declarações de boca de ideais das tenebrosas manobras internacionais a que se entrega a camarália salazarista e das graves perigos que daí resultam para a Índia e para o bom entendimento entre as nações.

Expressando o agravamento da situação, além dos 175.000 centos votados para os preparativos de guerra na Índia, vão ser pagos este ano mais 180.000 centos, com as tropas deslocadas nas colónias e em países como Goa, Damão e Diu, além de mais 10.000 centos para encargos de emergência.

Este dinheiro acabou ao povo devia ser gasto no desenvolvimento da Índia. Para levar a prática os seus criminosos desígnios de guerra, para continuar a sua política de opressão e exploração colonial, a camarália salazarista lança mão dos mais infames métodos de repressão e de terror. Em Goa, Damão e Diu e em Portugal Montanhas massivas repressivas, que vão de 8 a 24 anos de prisão, são lançadas contra os democratas e patriotas indianos e portugueses, que se opõem a política de guerra e de tração nacional do governo de Salazar, que se opõem à escravização dos territórios da Índia.

As provocações de fronteiras, as aventuras militares da camarália salazarista só podem ser detidas pela acção unida e organizada dos democratas e patriotas.

Só a ampla e activa participação das massas, a formação do governo fascista de Salazar e o deslizar os graves perigos de guerra que pesam sobre os povos de Portugal e da Índia.

Lutemos unidos pela libertação, pela Libertade dos Povos, pela Paz.

LEI E FUNDADA

O «AVANTE!»

A CRISE VINÍCOLA É UMA CONSEQUÊNCIA DA POLÍTICA FASCISTA!

Devia a política anti-nacional do go. e no particular a produção dos vinhos, que é um dos principais ramos da nossa economia e que contribui para o rendimento nacional com perto de 2 milhões de contos, a ser alterada, que nos levou a esta situação. Está lançando na ruína milhares de pequenos e médios lavandores e do desamador uma grande massa de trabalhadores rurais. A indústria e o comércio de vinho também foram atingidos por esta situação. As notícias e a imprensa se fazem eco delas. Na realidade, o fim dos grandes produtores do Norte europeu, que a situação se agrava devido à constante diminuição do poder de compra das grandes massas dos consumidores lavandores e das massas trabalhadoras rurais. Na região de Santarém um lavrador disse que a lavandura «está destituida com a acção da Junta Nacional do Vinho». Na própria Assembleia Nacional o problema da crise vinícola tem ocupado muitos deputados. Uge! Horta declarou: «O Douro vive horas amargas da sua existência subindo o seu calendário da desgraça e da miséria».

Esta situação desesperada levou a lavandores a efectuar várias reuniões onde discutiram a situação, que se resolveu com a ida a Lisboa de centenas de lavandores, para entregar ao governo uma exposição com as exigências dos vinícolas. O salazarismo, ao contrário, não só não resolveu os problemas, como também não reconheceu a existência da crise. Mas essas medidas nada resolveram. Não é a organização corporativa, que defende os interesses dos lavandores, que resolve os problemas da lavandura em geral, nem tão pouco os impostos sobre o vinho lançados agora pelo governo, que resolve os problemas da Junta Nacional do Vinho, nem a crise que é o arranque do vinho dos pe-

quenos agricultores, nem a propaganda dos nossos vinhos nos Estados Unidos e nos países europeizados da Europa.

As verdadeiras causas da crise vinícola são, em primeiro lugar, o baixo poder de compra do povo português. Se todos os portugueses com mais de 10 anos beberem apenas 4 copos de vinho por dia, toda a produção nacional seria suficiente para o consumo de todos os portugueses. Mas, devido à afirmação dos lavandores, a situação é muito mais grave. A situação é muito mais grave de superprodução. Em segundo lugar, a crise deve-se aos elevados preços de compra da lavandura por parte dos consumidores, que se elevaram a níveis extraordinários, devido a impostos e correctivos, salgado, extracção, fermentação, etc. deve-se ao assistente controle dos preços e da J.N.V. sobre os pequenos lavandores. Em terceiro lugar, a crise deve-se à concorrência comercial livre com todos os países, incluindo a URSS, e os países democráticos, que representam um mercado de 800 milhões de consumidores.

EXIJAMOS A LIBERTAÇÃO de Jaime Serra e Georgette Ferreira

JAIME SERRA e GEORGETTE FERREIRA, presos políticos, banidos da PIDE, no dia 27 de Dezembro do ano findo, em Lisboa.

JAIME SERRA foi aprehendido pelo fagmeiro JOSE GONÇALVES em dos seus anos do nosso camarada ALFREDO DINIZ. GEORGETTE FERREIRA foi maltratada pelo fagmeiro GONÇALVES e encontra-se isolado no Forte de Casalis, sem qualquer assistência médica que o seu precário estado de saúde exige.

Fronteiras abastidos da PIDE os notáveis camaradas negaram-se a prestar qualquer declaração; incluindo a sua

identidade. JAIME SERRA e GEORGETTE FERREIRA são dois abnegados filhos de classe operária, que colocaram toda a sua vida ao serviço do Povo. Eles são um exemplo de patriotismo e de abnegação, de luta incessante pelo bem-estar dos trabalhadores, pela Democracia e pela Paz.

Salvemos-lhes das mãos assassinas da PIDE. Exijamos a sua libertação e o seu julgamento. Que Georgette Ferreira seja devidamente tratada.

Exijamos pela libertação destes dois valerosos militantes do Partido Comunista português.

